

1 Introdução

A pretensão dessa tese é estudar a relação entre a resposta de Nietzsche para problema mente e corpo e as suas concepções de doença e de saúde.

Não deve ser difícil mostrar de que modo esses dois temas se correlacionam. Para além das especificidades de cada solução, é possível afirmar que o debate sobre o problema mente e corpo se polariza entre duas posições: *monismo* e *dualismo*. Os que seguem a primeira posição alegam que existe uma identidade entre a mente e o corpo: um *é* o outro, de modo que eles constituem uma mesma substância. Os que adotam a segunda perspectiva negam essa identidade e alegam que a mente seria uma substância distinta da substância corporal¹. A seguinte pergunta indica a importância filosófica que um questionamento acerca desse tema pode ter numa abordagem das questões da doença e da saúde: quando dizemos que alguém *é* ou que *está* doente ou saudável, estamos falando sobre a mente *e / ou* sobre o corpo dessa pessoa? A resposta para essa pergunta depende de uma solução para o problema mente e corpo: i.e., se a mente *é* o corpo (e vice e versa), toda doença ou saúde mental *é* uma doença ou saúde corporal (e vice e versa); se, todavia, a mente *e* o corpo são distintos, as doenças e saúdes mentais *e* corporais também precisam ser distinguidas.

Eu vou defender que embora Nietzsche seja um monista, o seu monismo implica um dualismo descritivo. Em outras palavras: para expressar essa identidade *una*, Nietzsche adota *dualisticamente* tanto uma descrição *fisiológica / natural*, quanto uma descrição *psicológica / ficcional*. A sua posição, assim, está paradoxalmente suspensa entre essas duas descrições, o que dificulta sua identificação ao pensamento *Metafísico*. Chamarei esse lugar de *Monismo Natural Ficcionalista* e tentarei mostrar que ainda que Nietzsche identifique doenças e

¹ O conceito de “substância” é evidentemente metafisicamente carregado e Nietzsche não costuma utilizá-lo. Mas em Descartes e nos filósofos da mente contemporâneos (i.e., naquele que formula a solução mais tradicional para o problema mente e corpo e nos que o debatem hoje), o uso desse termo é recorrente. Por conseguinte, optei por adotá-lo. É preciso ressaltar, porém, que o conceito de substância costuma ser usado de modo controverso: i.e., ele pode significar tanto (a) *um* ente, *uma* coisa ou *um* objeto particular; quanto (b) a totalidade metafísica dos entes, todas as coisas ou objetos que são. Ao longo da tese, tentarei manter e constantemente ressaltar a tensão entre esses dois sentidos. Desse modo, pretendo mostrar como Nietzsche problema tal conceito.

saúdes mentais e corporais, ele descreve esses estados dualisticamente em termos *fisio-psicológicos*.

1.1

Por que abordar a obra nietzschiana nesses termos?

Os seguintes três motivos apontam para uma justificativa geral: a relação entre o problema mente e corpo e os conceitos de doença e saúde é um problema tradicional da história da filosofia²; Nietzsche pensou sobre esse assunto; e a obra nietzschiana não costuma ser pensada nesse viés. Mas, de modo mais específico, é possível responder a essa questão de duas maneiras:

1. porque, ao focalizar esse ponto, é possível dialogar com a tradição crítica nietzschiana de uma maneira relativamente “nova”: i.e., os intérpretes de Nietzsche costumam ser divididos em três linhas de pesquisa: *Metafísica*, *Ficcionalista* e *Naturalista*³, mas — como tentarei mostrar — a posição de Nietzsche sobre esses temas resiste a ser apreendida exclusivamente por uma dessas três linhas;

2. porque desse modo é possível estudar as respostas de Nietzsche a temas relacionados à filosofia da mente e à bioética⁴ contemporâneas — áreas cujos principais representantes não prestam muita atenção na obra nietzschiana, e onde esses dois temas costumam ser abordados separadamente⁵.

1.2

Como abordar a obra nietzschiana nesses termos?

Por meio de um plano tradicional, no qual, primeiramente, apresentarei três respostas ao tema a partir da tradição crítica nietzschiana; em seguida,

² Ver WRIGHT, J. POTTER, P. *Psyche and Soma: Physicians and Metaphysicians on the Mind-Body Problem from Antiquity to Enlightenment*. Oxford, ed. Oxford University Press, 2000.

³ Clark (1990), Richardson (2004) e Reginster (2006), p.ex., adotam esse tipo de divisão. Ver CLARK, M. *Nietzsche on truth and philosophy*. Cambridge, ed. Cambridge University Press, 1990; RICHARDSON, J. *Nietzsche's New Darwinism*. Oxford: Oxford University Press, 2004; e REGINSTER, B. *The affirmation of life: Nietzsche on overcoming nihilism*. Cambridge, ed. Harvard University Press, 2006.

⁴ Ver, p.ex. GUTTENPLAN, S (ed.). *A companion to philosophy of mind*. Oxford, ed. Blackwell, 1996. E SINGER, P. (ed.) e KUHSE, H (ed.). *A companion to bioethics*. Oxford, ed. Wiley Blackwell, 2009.

⁵ É importante frisar, porém, que não pretendo mostrar como a resposta de Nietzsche a esses temas se relaciona com a dos filósofos dessas áreas. Para uma análise da relação entre Nietzsche e a filosofia da mente, ver ABEL, G. *Consciência, linguagem, natureza: a filosofia da mente em Nietzsche*. In MARTON S (org). *Nietzsche na Alemanha*. SP, ed. Unijuí, 2005 (2001). Trad: Claudemir Luiz Araldi.

mostrarei que é possível aferir a Nietzsche outra solução para o problema mente e corpo; e, por fim, explicitarei que as concepções nietzschianas de doença e saúde podem ser interpretadas à luz dessa solução. Mais precisamente:

no capítulo 2, apresentarei as seguintes três possíveis soluções para o problema mente e corpo em Nietzsche: *Dualismo Metafísico Invertido*, *Monismo Ficcionalista* e *Monismo Naturalista*. Abordarei essas posições a partir das interpretações de Heidegger (1961), Foucault (1971) e Moore (2002)⁶ respectivamente e tentarei mostrar que elas são correlatas a três concepções de doença e saúde: *Metafísica*, *Cultural* e *Fisiológica* correspondentemente;

no capítulo 3, vou defender que a visão de Nietzsche sobre o problema mente e corpo está paradoxalmente suspensa entre o *Naturalismo* e o *Ficcionalismo* e que, por conta disso, é difícil aferir a Nietzsche uma posição *Metafísica*. Chamarei a essa posição de *Monismo Natural Ficcionalista*; e, finalmente,

no capítulo 4, argumentarei que essa posição aponta para a presença de concepções *fisio-psicológicas* de doença e de saúde na obra de Nietzsche. Pretendo mostrar ainda de que modo essas noções podem ser pensadas a partir da concepção nietzschiana de história do homem.

⁶ Como deve se tornar evidente ao longo da análise, as notas de rodapé foram consideravelmente utilizadas nessa dissertação. Embora essa decisão possa ter tornado o texto “mais pesado”, ela me permitiu contextualizar a tese num panorama mais abrangente, antecipar possíveis objeções e introduzir aspectos a serem desenvolvidos posteriormente. Por conta disso, espero que esse “excesso” seja filosoficamente justificável. Como citarei — sobretudo no próximo capítulo — as interpretações de Heidegger (1961), Foucault (1971) e Moore (2002) constantemente, indico as referências bibliográficas dessas leituras logo agora: HEIDEGGER, M. *Nietzsche (vol I e vol II)*. RJ, ed. Forense Universitária, 2007 (1961). Trad: M. A. Casanova. O texto original publicado na seguinte edição alemã também foi consultado: HEIDEGGER, M. *Nietzsche (vol I e II)*. Koch, ed. G. Neske, 1961. FOUCAULT, F. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In *Microfísica do poder*. RJ, ed. Graal, 2000 (1971) Trad: Roberto Machado. 13 p. O texto original publicado na seguinte edição francesa também foi consultado: FOUCAULT, F. *Nietzsche, la genealogie et histoire*. In *Dits et écrits (vol II)*. Paris, ed. Gallimard, 1994 (1971). E MOORE, G. *Nietzsche, biology and metaphor*. Cambridge, Cambridge University Press, 2002. Minha tradução. Com o intuito de diminuir o número de notas, me limitarei a indicar, no corpo do texto, o ano da publicação original e o número da página na edição adotada, quando me referir a extratos desses livros. P.ex., Foucault (1971 (ano da publicação original), 17p (página da edição adotada)). Nos demais casos, além de fazer esse tipo de indicação no corpo do texto, darei a referência bibliográfica completa nas notas. No final do texto, o leitor pode consultar ainda a bibliografia completa utilizada no trabalho.

1.3. Antecipando objeções

No *Crepúsculo dos ídolos* (1888), Nietzsche diz: “desconfio de todos os sistematizadores e os evito. A vontade de sistema é uma falta de retidão” (CI I 26). De modo que não são poucos os intérpretes de Nietzsche que optam por ler sua obra de modo não sistemático⁷. Como o plano acima indica, sigo essas interpretações. No sentido que conceitos tais como o de “vontade de poder”⁸, “eterno retorno”, “niilismo”, “morte de Deus”, “transvaloração dos valores”, “genealogia”, “gaia ciência”, “vida”, etc. não serão abordados aqui⁹. A tese faz, assim, uma espécie de deslocamento da problemática acerca da obra de Nietzsche: a *única* questão que ela aborda é a relação entre a solução nietzschiana para o problema mente e corpo e as suas concepções de doença e saúde. Por conseguinte, é preciso fazer duas ressalvas: uma, sobre a abrangência da “crítica” que farei aos intérpretes de Nietzsche privilegiados no capítulo 2; outra, sobre o alcance (em relação à obra nietzschiana) da hipótese defendida nos capítulos 3 e 4.

Sobre o primeiro ponto, é importante frisar que, ao contextualizar a obra de Nietzsche na história da metafísica, Heidegger (1961) pretende pensar o conceito nietzschiano de vontade de poder como uma resposta ainda metafísica a

⁷ Nesse sentido, Reginster (2006, 2p.) diz que alguns intérpretes de Nietzsche “usam a conhecida desorganização dos seus escritos para sinalizar a falta de um pensamento sistemático, central e para adotar uma parcial [*piece-meal*] abordagem *temática*: eles aproximam textos dispersos para determinar as visões nietzschianas sobre metafísica, epistemologia, ética, e assim por diante”. Me alinho a esses intérpretes, tais como Foucault (1971) e Derrida (1976). O próprio Reginster — é preciso ressaltar — não segue esse tipo de abordagem. Ver REGINSTER, B. *The affirmation of life: Nietzsche on overcoming nihilism*. Cambridge, ed. Harvard University Press, 2006. E DERRIDA, J. *Éperons: les styles de Nietzsche*. Venezia, ed. Corbo e Fiori, 1976.

⁸ Optei por seguir a tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes no que diz respeito ao termo nietzschiano “Wille zur Macht”. Nesse sentido, os tradutores de *A vontade de poder*, de Nietzsche, dizem que “essa opção, porém, não se fez sem hesitação, sem cisma, sem muita hesitação. Ficamos tentados, particularmente, por outra opção: *A vontade de potência*. Na verdade, foi a nossa primeira preferência. Os obstáculos apresentaram-se no decorrer da tradução: teríamos que forçar muitas passagens que clamavam para que “Macht”, do título alemão da obra [*De Wille zur Macht*], fosse traduzida pela nossa palavra “poder” — e não “potência”. Pusemo-nos a refletir e compreendemos que, afinal, tudo o que queríamos dizer, se traduzíssemos a palavra alemã por “potência”, não se perderia se a opção fosse “poder”. A decisão se fortaleceu quando consideramos que a anteposição de um prefácio poderia muito bem cumprir o papel de chamar atenção para a importância que está em jogo nessas palavras e o que cabe conservar para manter uma correspondência essencial com o pensamento de Nietzsche”. Ver FERNANDES, M.S. P. e MORAIS, F. J. D. *Sobre a tradução*. In NIETZSCHE, F. *A vontade de poder*. RJ, ed. Contraponto, 2008. Trad: Francisco Jose Dias de Moraes e Marcos Sinésio Pereira Fernandes. 18p.

⁹ Na última nota do capítulo 3, porém, introduzo uma hipótese interpretativa sobre a “vontade de poder”.

essa tradição. Ao estudar a genealogia nietzschiana, Foucault (1971) procura aferir a Nietzsche um método de análise histórico / filosófico que ele próprio desenvolve em outros livros. Ao deter-se sobre a influência que a biologia do final século XIX teve sobre Nietzsche, Moore (2002) tenta entender a obra de Nietzsche como uma espécie de efeito desse contexto. A dissertação não apresentará uma crítica aos cerne dessas leituras: i.e., não desenvolverei uma interpretação alternativa à leitura heideggeriana da vontade de poder como um conceito *metafísico*; não tentarei repensar a genealogia nietzschiana para além do *ficcionalismo* de Foucault; e não me deterei sobre a resposta *naturalista* de Nietzsche à biologia de seu tempo. Meu argumento é o seguinte: embora esses três intérpretes não estejam interessados em relacionar a solução nietzschiana para o problema mente e corpo e os seus conceitos de doença e saúde¹⁰; suas leituras *implicitamente* apontam para respostas para esses temas, de modo que é possível abordar essas questões à luz dos principais elementos dessas interpretações. Minha “crítica”, portanto, incidirá *exclusivamente* sobre essas *respostas pressupostas*. Limitar-me-ei a mostrar que, se focalizarmos esse tema (problema mente e corpo, doença / saúde), será difícil seguir apenas uma dessas interpretações e teremos que combinar elementos das três.

Em relação ao segundo ponto, é preciso notar que atingir uma palavra final sobre a obra de Nietzsche é uma tarefa difícil, senão, impossível. Por consequência, alguns intérpretes optam por relativizar suas interpretações. Foucault (1971, 13 p.), p.ex., afirma que “o Nietzsche genealogista recusa, pelo menos em *certas ocasiões*, a pesquisa da origem (*Ursprung*)” [meu grifo]. E Richardson (2004, 8 / 9 p¹¹.) diz que

a conhecida multiplicidade de Nietzsche faz com esse seja o tipo de mais forte de alegação que uma leitura única pode fazer para si: selecionar uma *voz* ou um aspecto nos escritos de Nietzsche, e mostrar como é possível ver essa voz como de alguma maneira dominante, de alguma maneira erguendo-se ou subordinando as várias outras vozes incompatíveis que existem.

Nesse sentido, seguirei essas leituras: minha pretensão é privilegiar e explicitar uma “voz” por meio da qual Nietzsche fala em “*certas ocasiões*”. O

¹⁰ É importante ressaltar que também não encontrei nenhum intérprete que *explicitamente* aborde a obra nietzschiana nesses termos.

¹¹ RICHARDSON, J. *Nietzsche's New Darwinism*. Oxford: Oxford University Press, 2004. 8 / 9 p.

discurso de Zaratustra “Dos desprezadores do corpo” (Z I 4) é o texto de Nietzsche que mais diretamente aborda o problema mente e corpo, de modo que o adotarei como o cerne da minha hipótese. Como Nietzsche diz que *Assim falou Zaratustra* (1885) “ocupa um lugar à parte”, essa decisão parece justificável. A partir desse discurso abordarei várias outras passagens da obra de Nietzsche — sobretudo, da fase pós-*Zaratustra*. Essa última é formada pelo seguinte conjunto de livros: *Além do bem e do mal* (1886), o quinto livro de *A gaia ciência* (1887), *A genealogia da moral* (1887), *O anticristo* (1888), *Crepúsculo dos ídolos* (1888), *O caso Wagner* (1888) e *Ecce Homo* (1888). Um trecho de um texto da juventude de Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral* (1873), um extrato de *Aurora* (1881) e várias passagens de *A gaia ciência* (1882) também serão utilizados na construção do meu argumento. Não farei menção aos fragmentos póstumos de Nietzsche¹².

¹² Não tenho uma justificativa forte para essa decisão: não encontrei nenhum fragmento póstumo que ajudasse minha argumentação consideravelmente, de maneira que optei por desconsiderá-los. É preciso ressaltar, porém, que a definição do papel da *Nachlass* para o pensamento de Nietzsche é um tema importante que demandaria um trabalho à parte. Infelizmente, não poderei abordar essa questão aqui. Em linhas gerais, aceito a interpretação de Derrida (1976, 88p.) sobre esse ponto: i.e., não há nada de errado em utilizar os fragmentos póstumos, mas é imprescindível evitar concebê-los como uma espécie de atalho para “a mais íntima vontade pensante de Nietzsche”. Ver DERRIDA, J. *Éperons: les styles de Nietzsche*. Venezia, ed. Corbo e Fiori, 1976. Para uma discussão desse assunto, ver também CLARK, M. *Nietzsche on truth and philosophy*. Cambridge, ed. Cambridge University Press, 1990. 21 p.